

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA CORA CORALINA  
CURSO DE LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Mahyara Borges Dias

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Esp. Regina Maria Emos da Luz

Goiás, 2009

MAHYARA BORGES DIAS

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de graduação em Letras: Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Goiás – UnU – Cora Coralina, sob orientação da prof<sup>a</sup>. Esp. Regina Maria Emos da Luz.

Goiás, 2009

MAHYARA BORGES DIAS

A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Monografia examinada e aprovada pela banca constituída pelas seguintes professoras:

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Regina Maria Emos da Luz  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria Socorro Marçal da Costa  
(Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Nuria de Cássia Mateus de Almeida  
(Examinadora)

Ao meu filho, Pedro Lucas, que tanto me ensina e aos meus familiares.

## AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, pai todo poderoso, que iluminou e me deu forças nessa minha trajetória e que também me concedeu a sabedoria;

Ao meu filho, Pedro Lucas, por encher minha vida de alegria e ao meu esposo, Hélio Júnior, pela paciência, incentivo e companheirismo;

À minha mãe, Maria Borges, pelo apoio, e amor maternal;

Ao meu pai, José Maria e aos meus irmãos, Mândala e Bruno Henrique, pelo amor fraternal;

À Prof<sup>a</sup>. Esp. Regina Maria Emos da Luz, minha orientadora, pelo que muito colaborou com o meu crescimento profissional e pela orientação na elaboração desta monografia.

À professora e aos alunos do Colégio Estadual Princesa Isabel, pelo que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos professores da banca examinadora;

Aos colegas de sala, pela amizade e pelo tempo de convivência;

À Universidade Estadual de Goiás – UnU “Cora Coralina”, por proporcionar condições para a realização do curso e aos meus professores, pela valiosa contribuição em minha vida acadêmica;

Aqueles e aquelas que indiretamente contribuíram com minha formação e com esta pesquisa.

"Motivação não é sinônimo de transformação,  
mas um passo em sua direção"

Lourenço Neto

DIAS, Mahyara Borges. *A importância da motivação no processo de aprendizagem da língua inglesa*. Goiás: Unidade Universitária Cora Coralina – UEG, 2009.

## **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo identificar as causas da falta de motivação dos alunos da rede pública, para a aprendizagem da Língua Inglesa. Para a coleta de dados foram realizadas observações em sala de aula e também foram aplicados questionários abertos para os participantes. A análise dos conteúdos foi alicerçada em teorias da motivação e nas idéias de estudiosos da área de formação de professores de língua estrangeira, como Moita Lopes (2005), Figueiredo (2005), Penny Ur (2001) e Leffa (1998), o que tornou possível a interpretação dos dados. Assim, alguns fatores foram identificados como causadores do desinteresse dos alunos pela Língua Inglesa.

DIAS, Mahyara Borges. *The importance of motivation in learning English*. Goiás: Unidade Universitária Cora Coralina – UEG, 2009.

## **ABSTRACT**

This study aims to identify the causes of student motivation lack of learning English. Data were collected through observations of some classes and open questionnaires for all the participants. The analyses were supported by motivation theories and studios ideas like Moita Lopes (2005), Figueiredo (2005), Penny Ur (2001) and Leffa (1998). As a result, it was possible to interpret data. Some factors were identified as causative of student selflessness for English learning.

**Key-words:** Motivation. Teaching-learning. Methodology.



## SUMÁRIO

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                 | <b>09</b> |
| <b>1.REVISÃO DA LITERATURA.....</b>                                    | <b>11</b> |
| 1.1 – Definições de motivação.....                                     | 11        |
| 1.2 – Métodos e abordagens para o ensino de línguas.....               | 13        |
| 1.2.1 – Abordagem da Gramática e Tradução.....                         | 13        |
| 1.2.2 – Método Direto.....                                             | 14        |
| 1.2.3 – Método Audiolingual.....                                       | 15        |
| 1.2.4 – Método da Sugestologia.....                                    | 17        |
| 1.2.5 – Abordagem Comunicativa.....                                    | 17        |
| 1.2.6 – Modo Eclético.....                                             | 19        |
| 1.3 – Motivação para a aprendizagem de línguas.....                    | 20        |
| 1.3.1 – Classificação de motivação para a aprendizagem de línguas..... | 19        |
| 1.3.2 – Fatores que contribuem para a (des) motivação.....             | 22        |
| <b>2 . A PESQUISA .....</b>                                            | <b>25</b> |
| 2.1 – Metodologia e contexto.....                                      | 25        |
| 2.2 – Os questionários e as observações em sala.....                   | 26        |
| 2.3 – Análise e discussão dos dados.....                               | 26        |
| 2.3.1 – Questionário dos alunos.....                                   | 26        |
| 2.3.2 – Questionário da professora.....                                | 37        |
| 2.3.3 – Observações em sala de aula.....                               | 44        |
| 2.3.4 – Descrição de dois trabalhos.....                               | 49        |
| <b>3 . CONCLUSÃO .....</b>                                             | <b>54</b> |
| 3.1 – Retomada das perguntas de pesquisa .....                         | 54        |
| 3.2 – Limitações deste estudo. ....                                    | 56        |
| 3.3 – Sugestões de futuras pesquisas .....                             | 56        |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                               | <b>58</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                     | <b>59</b> |

## INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios no processo ensino aprendizagem de Língua Inglesa hoje é a motivação dos alunos. Embora seja uma temática atual e urgente no meio acadêmico, são poucas as pesquisas que versam sobre o assunto. Nesse sentido, o presente trabalho visa contribuir para o preenchimento dessa lacuna, colaborando para uma reflexão sobre o sucesso ou o fracasso da aprendizagem de uma língua.

Nesse processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa, acredita-se que a motivação deve estar presente em todos os momentos. Essa motivação pode estar relacionada com um assunto curioso, com algum interesse, com a auto-estima, com os recursos didáticos utilizados na aprendizagem ou até mesmo com a simples curiosidade de conhecer uma nova língua. Considera-se que sem motivação não existe energia para querer aprender. Todo o aprendizado está ligado ao interesse da pessoa, e esse interesse conseqüentemente está ligado à motivação de aprender mais sobre um determinado assunto. Assim sendo, a motivação é um requisito para a aprendizagem de Língua Inglesa.

Essa motivação pode vir por parte do aluno, como por parte do professor. Quando, na minoria das vezes, o aluno, por si só, enxerga a necessidade e a importância de aprender Língua Inglesa e se interessa pelas aulas, tendo curiosidade em aprender, acaba incentivando o professor na melhoria da sua prática. Acredita-se que a motivação é algo contagiante. Se um dos envolvidos estiver motivado e deixar transparecer essa motivação, o outro se contamina também. Então, uma vez que o professor estiver motivado e gostar daquilo que faz, conseqüentemente ele motiva seus alunos.

Por outro lado, talvez, um dos fatores mais importantes no processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa, seja a metodologia utilizada pelos professores. Muitos não se preocupam em propiciar aulas que levam o aluno a pesquisar e se envolver com os assuntos. Muitas vezes, por comodidade, o professor leva tudo pronto, o aluno apenas reproduz e não há um envolvimento. Alguns professores ainda despejam conteúdos sobre conteúdos, não proporcionam

ao aluno oportunidades de pensar ou descobrir sobre os assuntos tratados, causando assim, a desmotivação.

Solucionar esse problema que a cada dia se agrava, é de importância maior, uma vez que a desmotivação dos alunos na aprendizagem de Língua Inglesa, principalmente os da rede pública, não é somente um mito. No Colégio Estadual Princesa Isabel, na Cidade de Taquaral, local onde realizei o meu estágio no ano de 2008, pude constatar que a desmotivação realmente existe e vem se alastrando. Foi esse um dos maiores motivos que me instigou a analisar os fatores que influenciam na desmotivação dos alunos e os que auxiliam na motivação dos mesmos, para com isso, colaborar na busca de novos horizontes para os profissionais em atuação no mercado e para os que ainda estão em formação.

É com essa percepção que o presente trabalho se desenvolve. Ele está norteado pelas seguintes perguntas de pesquisa:

1) Quais os principais fatores da desmotivação dos alunos no processo da aprendizagem da Língua Inglesa?

2) É possível identificar a motivação e sua relação com o bom êxito na aprendizagem de língua Inglesa?

3) A metodologia de ensino utilizada pela professora estaria influenciando essa desmotivação?

Na busca destas respostas, subdividimos este estudo em três capítulos:

O primeiro capítulo – *Revisão da Literatura* – faz definições e caracterizações da motivação, fala sobre os métodos e abordagens para o ensino de línguas e seus efeitos na aprendizagem e aponta alguns fatores que contribuem para a (des) motivação.

O segundo capítulo - *A pesquisa* – esboça o contexto, a metodologia da pesquisa, o relatório das observações, os questionários como também faz a análise e discussão dos dados.

O terceiro capítulo – *Conclusão* – apresenta os resultados da pesquisa, esclarece as limitações deste estudo e fornece sugestões para futuras pesquisas.

Este estudo ainda consta de Referências e Anexos.

# 1. REVISÃO DA LITERATURA

Como afirmado anteriormente, o objeto de estudo deste trabalho é identificar as causas da falta de motivação dos alunos para a aprendizagem da Língua Inglesa no Colégio Estadual Princesa Isabel, na cidade de Taquaral. Com isto em vista, inicio a fundamentação teórica deste trabalho, apresentando algumas definições do termo motivação. Posteriormente, faço o esboço de um estudo a respeito dos métodos e das abordagens para o ensino de línguas e o efeito que exercem sobre os alunos. Por fim, apresento argumentos de alguns autores caracterizando a motivação para a aprendizagem de línguas.

## 1.1 Definições de motivação

A motivação refere-se, segundo Brown (1994) apud Figueiredo (2005, p.38), “a impulsos internos ou a desejos em relação a um objetivo”. Por isso, as pessoas criam metas em suas vidas, em sua carreira profissional ou até mesmo em viagens, e são essas metas que as motivam a continuar seus propósitos. Várias pesquisas têm sido elaboradas e diversas teorias têm tentado explicar o funcionamento desta força que leva as pessoas a agirem em prol do alcance de objetivos.

Primeiramente, motivação traz a idéia de movimento e de acordo com Siqueira e Wechsler (2006, p.24) “essa idéia de movimento aparece em muitas definições e, relaciona-se ao fato da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas”. Então, a motivação leva o sujeito a agir, a iniciar uma ação, orientando-a em função de certos objetivos.

Lima (2008) apresenta a motivação como um “processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação”. Diante dessa idéia de Lima, notamos que no alicerce da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Lima (2008) inclui na motivação “o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação”. E, por fim, inclui também “o objeto que aparece

como a possibilidade de satisfação da necessidade”. Esse “objeto de satisfação” está relacionado a uma conquista ou a uma recompensa, por esse motivo, vê-se que a motivação é quase sempre interligada ao desempenho positivo.

Muitas vezes, o que leva o indivíduo a fazer algo, está relacionado com evitar uma punição ou conquistar uma recompensa. A motivação estimula de alguma forma para que o sujeito se movimente em direção ao objetivo pretendido, uma vez que, a pessoa não teria caminhado em direção ao objetivo, caso não houvesse uma perda ou um ganho, que são peças fundamentais na motivação, porque é isso que motiva o indivíduo a atingir o objetivo esperado. Lima (2008) ainda ressalva que “uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração”, nessa perspectiva, nota-se que a força que move o sujeito a realizar atividades, sem dúvida é a motivação.

Por outro lado, adverte Atkinson apud Bertolini e Silva:

[...] as pessoas com alta motivação à realização se engajam com facilidade em tarefas onde o desempenho é característica saliente porque são capazes de selecionar tarefas com dificuldades intermediárias, trabalhar mais e persistir mais diante do fracasso do que as pessoas com baixa motivação. (ATKINSON, 1964 citado por BERTOLINI; SILVA, 2005, p.55).

Tudo fica mais fácil quando o sujeito está com a motivação elevada. A atuação é outra, há muito mais empenho, comprometimento e diligência. São aptos a encarar os obstáculos com perseverança. Assim sendo, o resultado tem mais chances de ser positivo, uma vez que, quanto mais o indivíduo se percebe eficaz, melhores serão os frutos, animando o indivíduo a continuar se empenhando, tendo ainda mais comprometimento.

Para Bandura (1989) apud Bertolini e Silva (2005, p.56), “a auto-avaliação otimista aumenta o nível de aspiração e de motivação e conduz a um nível de desempenho que se traduz na melhor expressão possível dos talentos de um indivíduo”. Ele ainda afirma que “a auto-eficácia se liga ao auto-julgamento do sujeito sobre a sua capacidade de realizar tarefas específicas, ou seja, seu senso de auto-eficácia ou o que o indivíduo acredita ser capaz de realizar”. Consideram Bertolini e Silva (2005, p.55) “a auto-eficácia é importante porque influencia tanto a escolha de atividades como o nível motivacional e a quantidade de esforço depreendido promovendo ou inibindo o nível de desempenho”.

Portanto, com base nesses pontos de vista, concluí-se que a motivação é o estímulo que leva o indivíduo a realizar algo novo e manter engajado em atividades para alcançar os objetivos.

Para finalizar, é importante salientar a relevância dos aspectos motivacionais para o ser humano, principalmente no ambiente escolar. Talvez, muitos de nossos problemas educacionais poderiam ser solucionados com uma atenção especial a estes aspectos. Nesse sentido, é também importante a compreensão de que o problema da motivação não seja atribuído somente ao aluno, mas entender o papel do professor no processo de estimulação da aprendizagem. Assim, apresento a seguir, uma síntese das principais metodologias que marcaram o ensino – aprendizagem de língua estrangeira, mostrando os princípios que embasam certas metodologias, o papel do professor e do aprendiz.

## **1.2 Métodos e abordagens para o ensino de línguas**

Apresento agora uma visão dos métodos fundamentais de ensino de línguas a partir de um estudo feito por Leffa (1998), ressaltando que compete ao professor adotar o melhor método, partindo da realidade vivente, de seu conhecimento e das características de seus alunos.

### **1.2.1 Abordagem da gramática e da tradução (AGT)**

Segundo Leffa (1998, p. 214) a metodologia que tem recebido mais críticas e com maior período de uso na história do ensino de línguas tem sido a AGT. Ele diz que ela “suruiu com o interesse pelas culturas grega e latina na época do renascimento e continua sendo empregada até hoje, ainda que de modo bastante esporádico, com diversas adaptações e finalidades mais específicas”.

Ainda, Leffa considera:

Basicamente a AGT consiste no ensino da segunda língua pela primeira. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno. Os três passos essenciais para a aprendizagem da língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de

tradução e versão (tema). É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. (LEFFA, 1998, p.214)

De acordo com Leffa (1998, p. 214) aspectos de pronúncia e de entonação não tem prioridade, ou melhor, raramente ou nunca é trabalhado. Faz uma ressalva sobre as atividades “a origem da maioria das atividades da sala de aula está no livro texto, de modo que o domínio oral da língua por parte do professor não é um aspecto crucial”. O domínio da nomenclatura gramatical e o denso entendimento dos preceitos do idioma com todas as suas observações é a sua necessidade maior.

Leffa conclui dizendo sobre o objetivo:

O objetivo final da AGT é - ou era - levar o aluno a apreciar a cultura e a literatura da L2. Na consecução desse objetivo, acreditava-se que ele acabava adquirindo um conhecimento mais profundo de seu próprio idioma, desenvolvendo sua inteligência e capacidade de raciocínio. (LEFFA, 1998, p.215)

### 1.2.2 Método Direto

Conforme Leffa (1998, p. 215), o Método Direto é quase tão antigo quanto a Abordagem da Gramática e da Tradução. “Surgiu como uma reação a esta e evidências de seu uso datam do início do século XVI”.

Leffa (1998, p. 215) salienta “enquanto que a AGT sofreu sempre severas críticas, sem nenhum nome importante ligado a ela, o Método Direto teve grandes defensores (Harold Palmer, Otto Jespersen, Emile de Sauzé, etc.)”. Complementa ainda que seu uso era obrigatório nas escolas públicas, devido sua oficialização na Bélgica (1895), França (1902) e Alemanha (1902), com isso o método trazia grande importância no início do século.

Leffa explica que:

O princípio fundamental do método direto é de que a L2 se aprende através da L2; a língua materna nunca deve ser usada na sala de aula. A transmissão do significado dá-se através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução. O aluno deve aprender a “pensar na língua”. (LEFFA, 1998, p.215)

Logo, observa-se que de acordo com esse método nunca se deve empregar a língua materna na sala de aula e o aluno tem que ser levado a pensar na língua para um melhor aprendizado.

Pontua Leffa:

A ênfase está na língua oral, mas a escrita pode ser introduzida já nas primeiras aulas. O uso de diálogos situacionais (Exemplo: "no banco", "fazendo compras", etc.) e pequenos trechos de leitura são o ponto de partida para exercícios orais (compreensão auditiva, conversação "livre", pronúncia) a exercícios escritos (preferencialmente respostas a questionários). A integração das quatro habilidades (na seqüência de ouvir, falar, ler e escrever) é usada pela primeira vez no ensino de línguas. (LEFFA, 1998, p.216)

Leffa conclui salientando:

A gramática, e mesmo os aspectos culturais da L2, são ensinados indutivamente. O aluno é primeiro exposto aos "fatos" da língua para mais tarde chegar a sua sistematização. O exercício oral deve preceder o exercício escrito. A técnica da repetição é usada para o aprendizado automático da língua. O uso de diálogos sobre assuntos da vida diária tem por objetivo tornar viva a língua usada na sala de aula. O ditado é abolido como exercício. (LEFFA, 1998, p.216)

### 1.2.3 Método audiolingual

Leffa (1998, p.222) comenta "as premissas que sustentavam o método foram reformuladas com clareza e formaram uma doutrina coesa que por muitos anos dominou o ensino de línguas. Essas premissas são as seguintes":

*Língua é fala, não escrita*

Segundo Leffa:

A implicação pedagógica dessa premissa era de que o aluno deveria primeiro ouvir e falar, depois ler e escrever; como acontece individualmente na aprendizagem da língua materna e como acontece com os povos em geral, que só aprendem a escrever muito depois de terem aprendido a falar. O aluno só deveria ser exposto à língua escrita quando os padrões da língua oral já estivessem bem automatizados. A apresentação precoce da escrita prejudicava a pronúncia. A forma preferida de apresentação era o diálogo, justamente por representar a língua viva do dia-a-dia. O laboratório de línguas, pela possibilidade de apresentar gravações de falantes nativos, possibilitando assim uma pronúncia perfeita, tornou-se um importante recurso audiovisual. (LEFFA, 1998, p.222)



### *Língua é um conjunto de hábitos*

Leffa afirma:

Havia uma grande preocupação em evitar que os alunos cometessem erros. Para isso o ensino era feito através de pequenos passos, com a aprendizagem gradual das estruturas, que eram apresentadas uma a uma. No audiolingualismo não se aprendia errando. (LEFFA, 1998, p.223)

Assim sendo, nota-se que o erro era preocupante. Conforme Leffa (1998, p. 223) “Acreditava que quem errava acabava aprendendo os próprios erros”. Leffa ainda considera que:

As estruturas básicas da língua deveriam ser praticadas até a automatização, o que era conseguido através de exercícios de repetição. A aprendizagem só ocorria quando o aluno tivesse realizado a superaprendizagem, isto é, quando tivesse automatizado a resposta; menos do que isso não era aprendizagem. (LEFFA, 1998, p.223)

### *Ensine a língua não sobre a língua*

Para Leffa:

A premissa era de que se aprendia uma língua pela prática, não através de explicitações ou explicações de regras. Perguntas por parte dos alunos eram desencorajadas. A gramática era ensinada através da analogia indutiva. Como na abordagem direta, o aluno era exposto aos fatos da língua. (LEFFA, 1998, p.223)

### *As línguas são diferentes*

Adverte Leffa (1998, p.224) “O audiolingualismo defendia uma versão forte da análise contrastiva. Pela comparação dos sistemas fonológicos, lexicais, sintáticos, a cultura entre duas línguas, podia-se prever os erros dos alunos.”

Ele ainda considera que:

O audiolingualismo dominou o ensino de línguas até o início da década de 1970. Bloomfield, no campo da lingüística, Skinner, no da psicologia, Nida, Fries e Lado, no da metodologia, são alguns dos grandes nomes do movimento. (LEFFA, 1998, p.224)

Leffa diz que havia graves problemas na prática e complementa dizendo que:

Os alunos que aprenderam pela abordagem audiolingual pareciam apresentar as mesmas falhas de aprendizes de métodos anteriores: No momento em que se defrontavam com falantes nativos, em situações reais de comunicação, pareciam esquecer tudo o que tinham aprendido na sala de aula. As repetições intermináveis para desenvolver a superaprendizagem tornavam as aulas cansativas para os alunos e professores. A ênfase na forma em detrimento do significado fazia os alunos papaguear frases que não entendiam. (LEFFA, 1998, p.225)

#### 1.2.4 Método da Sugestologia

Esse método segundo Leffa:

Enfatiza os fatores psicológicos da aprendizagem, que devem ser favorecidos até pelo ambiente físico. A sala deve ser confortável poltronas macias, luz indireta, música de fundo suave - a fim de proporcionar o ambiente mais agradável possível. Para reduzir a ansiedade e inibição, os alunos podem receber pseudônimos e adquirir uma nova personalidade. (LEFFA, 1998, p.226)

Percebe-se que o conforto e o aconchego da sala são pontos importantes nesse método, uma vez que, o espaço deve estar agradável.

Leffa segue considerando:

O desenvolvimento maciço do vocabulário é o aspecto lingüístico mais enfatizado. As quatro habilidades são ensinadas ao mesmo tempo, principalmente através de longos diálogos lidos pelo professor com constantes variações de entonação. (LEFFA, 1998, p.226-227)

#### 1.2.5 Abordagem comunicativa

Leffa adverte:

Enquanto que no audiolingualismo o ensino da língua se concentrava no código, amplamente descrito durante os vários anos do estruturalismo, a nova abordagem enfatizava a semântica da língua, descrita fragmentariamente em alguns estudos esparsos. (LEFFA, 1998, p.229)

Leffa (1998, p. 231) salienta que “O uso de linguagem apropriada, adequada à situação em que ocorre o ato da fala e ao papel desempenhado pelos participantes, é uma grande preocupação na Abordagem Comunicativa”. Ele continua explicando que:

Os diálogos artificiais, elaborados para apresentarem pontos gramaticais são rejeitados. A ênfase da aprendizagem não está na forma lingüística, mas na comunicação. As formas lingüísticas serão ensinadas apenas quando necessárias para desenvolver a competência comunicativa a poderão ter mais ou menos importância do que outros aspectos do evento comunicativo. O desenvolvimento de uma competência estratégica - saber como usar a língua para se comunicar - pode ser tão ou mais importante de que a competência gramatical. (LEFFA, 1998, p.231)

Leffa (1998, p.232) diz que deve ser fidedigno o material trabalhado para a aprendizagem do idioma. E que “Os diálogos devem apresentar personagens em situações reais de uso da língua, incluindo até os ruídos que normalmente interferem no enunciado (conversas de fundo, dicções imperfeitas, sotaques, etc.)”.

Leffa faz uma pontuação sobre como deve ser o uso de textos:

Os textos escritos não devem se restringir aos livros ou artigos de revista, mas abranger todas as formas de impressos: jornais (notícias, manchetes, fotos com legendas, propagandas, anúncios classificados, etc.), cartas, formulários, contas, catálogos, rótulos, cardápios, cartazes, instruções, mapas, programas, bilhetes, contratos, cartões, listas telefônicas, tudo enfim ao que o falante nativo está exposto diariamente. O uso de textos simplificados deve ser evitado, porque prejudicaria a autenticidade do material; simplificar a tarefa, se necessário, mas não simplificar a língua. (LEFFA, 1998, p.232)

Conforme Leffa (1998, p.233) “A Abordagem Comunicativa defende a aprendizagem centrada no aluno não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula.”

Leffa (1998, p.233) relata que o professor adota a função de conselheiro e abandona a sua função de chefe, de comando, de distribuidor de informações. “O aspecto afetivo é visto como uma variável importante e o professor deve mostrar sensibilidade aos interesses dos alunos, encorajando a participação e acatando sugestões. Técnicas de trabalho em grupo são adotadas”.

### 1.2.6 Modo eclético

Segundo Girard:

The Eclectic Way is not a method; rather, it defines an attitude on the part of the language teacher. It is for me the only sensible answer to the terrible challenge of the present-day situation in most of our schools, with mixed-ability classes where every learner has his/her personal attitude toward the foreign language, his/her own ability and motivation<sup>1</sup>... (GIRARD, 1986, p. 12)

Leffa conclui sua análise dos métodos e abordagens para o ensino de línguas e seus efeitos na aprendizagem comentando que:

Um fator ainda não estabelecido no ensino de línguas é até que ponto a metodologia empregada faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem. Às vezes dá-se à metodologia uma importância maior do que ela realmente possui, esquecendo-se de que o aluno pode tanto deixar de aprender como também apreender apesar da abordagem usada pelo professor. As inúmeras variáveis que afetam a situação de ensino podem sobrepujar a metodologia usada, de modo que o que parece funcionar numa determinada situação não funciona em outra e vice-versa. (LEFFA, 1998, p.235)

## 1.3 Motivação para aprendizagem de línguas

Vários são os elementos que se agregam para se dar conta da aprendizagem de uma língua estrangeira. No entanto, considera-se que manter a motivação constitui a melhor forma de aprendizado, talvez até independente da metodologia a ser utilizada.

Para Sisto (2001) citado por Bertolini e Silva (2005, p.54) “a motivação é uma variável-chave para a aprendizagem. Para ele, a motivação para aprendizagem é a iniciação e manutenção de comportamento com o objetivo de se atingir uma determinada meta”. Bertolini e Silva explicam:

---

<sup>1</sup> Tradução: A maneira eclética, não é um método, mas sim, ela define uma atitude por parte do professor de língua. É para mim a única resposta adequada ao desafio terrível da situação atual na maioria das nossas escolas, com aulas de capacidade mista, onde cada aluno tem a sua atitude pessoal em relação à língua estrangeira, a sua própria capacidade e motivação...

Sem motivação não ocorre o esforço, mas na ausência de estratégias de aprendizagem o esforço cai no vazio e se torna infrutífero. Um esforço eficaz e relevante para os resultados deve incidir sobre o uso de estratégias adequadas (BERTOLINI; SILVA, 2005, p.59).

Assim sendo, nota-se que só acontece o empenho quando há motivação. Entretanto, também tem que haver estratégias de aprendizagem, uma vez que sem elas, esse empenho se torna improdutivo.

Lima afirma que:

[...] a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação. Assim, para aprender é imprescindível “poder” fazê-lo, o que faz referência às capacidades, aos conhecimentos, às estratégias e às destrezas necessárias, para isso é necessário “querer” fazê-lo, ter a disposição, a intenção e a motivação suficientes. (LIMA, 2008).

Entende-se que a relação entre aprendizagem e motivação é mútua, deste modo, a motivação pode causar um efeito na aprendizagem e no desempenho do mesmo modo que a aprendizagem pode intervir na motivação.

### 1.3.1 Classificação de motivação para aprendizagem de línguas

De acordo com Gardner e Lambert apud Figueiredo:

[...] autores apresentam dois tipos de orientação motivacional: a integrativa e a instrumental. Na orientação integrativa, a motivação baseia-se em aspectos da personalidade do indivíduo que se identifica positivamente com os grupos falantes da língua-alvo, desejando compreender a cultura daqueles grupos e, até mesmo, fazer parte deles. Por sua vez, na orientação instrumental, a motivação fundamenta-se nas vantagens que o indivíduo possa vir a ter caso aprenda a língua-alvo, tais como: ascensão profissional, habilidade de ler textos escritos na língua-alvo, ingresso em curso de pós-graduação. (GARDNER; LAMBERT 1972 apud FIGUEIREDO, 2005, p.38)

Logo observa-se que na integrativa o sujeito se aproxima ao mundo da língua-alvo, ansiando entender tudo que nele há. Já na instrumental, o indivíduo baseia-se nos benefícios que possa adquirir caso aprenda a língua-alvo.

Penny Ur ressalta:

A distinction has been made in the literature between 'integrative' and 'instrumental' motivation: the desire to identify with and integrate into the target-language culture, contrasted with the wish to learning the language for purposes of study or career promotion<sup>2</sup>. (PENNY UR, 2000, p.276).

Teóricos da motivação acreditam na existência de duas orientações motivacionais: uma intrínseca e a outra extrínseca. McLeod (1987) apud Figueiredo (2005, p.39), afirma essa idéia dizendo “existem dois tipos de motivação: *motivação extrínseca* e a *motivação intrínseca*”.

A motivação intrínseca está relacionada ao interesse da própria atividade, que tem uma finalidade em si mesma e não como um meio para outras metas. Também porque é interessante e geradora de satisfação, alunos com este tipo de motivação trabalham nas atividades, pois as consideram agradáveis. Pode ser considerada como um sistema motivacional independente dos demais, que suporta um tipo concreto de antecipação de metas e um conjunto de crenças e atitudes. McLeod (1987) apud Figueiredo (2005, p.39) diz que “fatores de motivação intrínseca são o envolvimento individual (querer parecer inteligente) e o envolvimento com a tarefa”, ao passo que “fatores de motivação extrínseca em relação à escrita são: agradar o professor, tirar boas notas, progredir em uma determinada carreira etc.”. A motivação extrínseca está relacionada às rotinas que vamos aprendendo ao longo de nossas vidas.

Pontuam Siqueira e Wechsler (2006, p.28) “Um aluno extrinsecamente motivado é aquele que desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais”. Um aluno com este tipo de motivação está mais interessado na opinião do outro, as tarefas são realizadas para ter reconhecimento externo, receber elogios ou apenas para evitar uma punição.

No que diz respeito à relação entre motivação e aprendizagem, Guimarães (2001) apud Figueiredo (2005, p.39) afirma que “tanto a motivação intrínseca quanto a extrínseca levam os alunos a aprender. Todavia, a aprendizagem dos alunos é favorecida quando há o envolvimento deles numa atividade por razões intrínsecas”.

---

<sup>2</sup> Uma distinção tem sido feita na literatura entre motivação integradora e instrumental: o desejo de identificar e integrar com a cultura da língua alvo contrastando com o desejo de aprender a língua para fins de estudo ou promoção de carreira.

### 1.3.2 Fatores que contribuem para a (des) motivação

Segundo Ellis (1997, p.75) “motivation involves the attitudes and affective states that influence the degree of effort that learners make to learn an L2”<sup>3</sup>. Nesse sentido, o tipo de correção que os alunos recebem nas suas atividades, é também um fator que influencia as atitudes dos alunos à sua motivação na aprendizagem de Língua Inglesa. Figueiredo (2005, p.40) salienta que “os alunos podem ficar confusos com correções vagas ou ambíguas e, dessa forma, tornarem-se frustrados”.

Algo que também pode ser desmotivante para um aluno, é quando o professor realiza uma avaliação negativa, levando o aluno a preferir uma nota baixa por não ter realizado a atividade proposta, a realizar a atividade e receber uma avaliação ruim. Tsui apud Figueiredo comenta:

Os alunos podem ficar positivamente motivados a explorar novas áreas de conhecimento e de criatividade pessoal quando recebem correções ou comentários que sejam construtivos e apoiem o seu progresso de aprendizagem. (TSUI, 1995 apud FIGUEIREDO, 2005, p.40)

Embora seja comum ouvir que alunos de escolas públicas não aprendem línguas estrangeiras, que o melhor é retirá-las do currículo escolar, Lopes (1996, p.28) discorda dizendo “da mesma forma que ninguém termina o segundo grau sendo um historiador ou matemático, ninguém precisa, ao fim do segundo grau, ter domínio completo de uma LE, o que quer que isso seja”.

As escolas públicas brasileiras, em geral, normalmente incluem o inglês como única língua estrangeira no currículo, Lopes explica que:

A preferência pelo inglês está obviamente relacionada à importância inegável do inglês como uma língua internacional, o que se deve ao poder econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos na primeira e na segunda metade deste século, respectivamente, e à penetração do inglês como a língua do novo imperialista (Estados Unidos) no Brasil neste século. (LOPES, 1996, p.129-130)

---

<sup>3</sup> Motivação envolve as atitudes e os estados afetivos que influenciam no grau de esforço que os alunos fazem para aprender uma L2





estudante: as expectativas e estilos dos professores, os desejos e aspirações dos pais e familiares, os colegas de sala, a estruturação das aulas, o espaço físico da sala de aula, o currículo escolar, a organização do sistema educacional, as políticas educacionais, e principalmente as próprias características individuais dos alunos (SIQUEIRA; WECHSLER, 2006, p.29).

Por sua vez, analisar a motivação para a aprendizagem abrange o entendimento de um emaranhado sistema de fatores que se inter-relacionam, atuando unido na motivação do aluno. Devido a isto, Siqueira e Wechsler (2006, p.30) diz “uma avaliação deste fenômeno pressupõe a consideração de todos os aspectos envolvidos na análise da questão”.

Com base nesses estudos sobre a motivação e a partir do reconhecimento do fato de que a motivação permeia toda a aprendizagem, espera-se ser possível identificar e compreender as causas do desinteresse dos alunos pela Língua Inglesa não só no Colégio Estadual Princesa Isabel, mas, talvez, nas escolas públicas brasileiras.

## **2. A PESQUISA**

### **2.1 Metodologia e contexto**

Esta pesquisa se classifica dentro do paradigma de um estudo de caso, uma vez que tem como unidade de análise, uma turma de quatorze alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Princesa Isabel e a professora de Língua Inglesa dessa mesma turma.

A investigação aconteceu *in lócus*. A autorização para a realização deste trabalho foi solicitada por mim à direção do colégio e à professora e todos, incluindo os treze alunos convidados, concordaram em participar da pesquisa.

Antes da coleta de dados, foi feito um estudo a respeito da motivação para a aprendizagem, como também a respeito dos métodos e das abordagens para o ensino de línguas e o efeito que exercem sobre os alunos.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de dois questionários, um para os alunos e outro para a professora e de observações em sala de aula. Os dados foram estudados cuidadosamente, utilizando análise de conteúdo e foram transcritos em diagramas, observando-se os temas existentes nas repostas dadas no questionário. Os resultados e a discussão dos dados foram centrados nos objetivos deste trabalho, isto é, na identificação das causas da falta de motivação dos alunos na aprendizagem de Língua Inglesa.

Apesar da desmotivação dos alunos nas aulas de Língua Inglesa ser uma realidade, identificar as causas dessa falta de motivação, não é uma tarefa fácil, porque envolve a avaliação dos fatores sócio-culturais que intervêm no processo de ensino e de aprendizagem.

A coleta de dados e sua análise constituem em um estudo qualitativo, descritivo e participativo e se propõem em contribuir com os professores de Língua Inglesa na melhoria de suas práticas.



Dos treze participantes, dois disseram que não gostam de estudar inglês.

porque é um fator importantíssimo no processo de ensino aprendizagem, principalmente em se tratando de uma língua estrangeira.

3) Do que você menos gosta nas aulas de inglês?

|                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|---------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Da gramática        | X |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Escrever em inglês  |   | X |   | X |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Falar em inglês     |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    |    |
| Tradução de texto   |   |   |   |   | X |   | X |   | X |    |    | X  |    |
| Copiar tarefa       |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    |    | X  |
| Dos meus colegas    |   |   |   |   |   |   |   | X |   |    |    |    |    |
| Matéria muito chata |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| De algumas tarefas  |   |   |   |   |   | X |   |   |   |    |    |    |    |
| Diálogos            |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    | X  |    |    |

Pela diversidade das respostas percebe-se que cada aluno tem um ponto de vista ou uma repulsa diferente. O que vai de encontro com o pensamento de Paiva (2005, p.11), quando afirma que: “As pessoas tem estilos diferentes de aprendizagem. Não há uma pessoa igual à outra. As preferências de cada aprendiz não são exatamente as mesmas, mas isso não quer dizer que são melhores ou piores.”

Por outro lado, as respostas dos alunos revelam uma metodologia bastante tradicionalista utilizada pela professora, especificamente no que se refere à tradução de textos, o item mais citado. Há evidências de que a prática da professora em sala de aula se aproxima muito do método da Gramática e Tradução.

4) E a sua turma? Você acredita que seus colegas gostam das aulas de inglês? Por quê?

|                                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|---------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Não, porque são desinteressados             | X | X |   |   | X | X |   |   |   | X  | X  |    | X  |
| Sim, devido o modo como a professora ensina |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    | X  |    |
| Mais ou menos                               |   |   |   | X |   |   | X | X | X |    |    |    |    |
| Não, porque não tenho diálogo com a turma   |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |

Verifica-se pela tabela acima que a maioria diz que seus colegas não gostam das aulas de inglês, porque são desinteressados e um porque não conversa com a turma. Quatro alunos dizem que seus companheiros gostam mais ou menos e apenas um diz que devido ao modo de como a professora ensina, eles gostam sim das aulas.

5) Vocês participam bem das aulas? Prestam atenção no que a professora ensina?

|           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|-----------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Nem todos | X | X |   |   |   | X |   | X |   |    |    | X  |    |
| Sim       |   |   |   | X | X |   |   |   | X | X  |    |    |    |
| Não       |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Às vezes  |   |   |   |   |   |   | X |   |   |    | X  |    | X  |

As respostas mais uma vez indicam a falta de motivação dos alunos para a aprendizagem da língua inglesa, visto que apenas quatro alunos dizem que participam das aulas. Não há consistência nas outras respostas quando dizem que às vezes participam ou nem todos participam. Adverte Atkinson apud Bertolini e Silva (2005):

[...] as pessoas com alta motivação à realização se engajam com facilidade em tarefas onde o desempenho é característica saliente porque são capazes de selecionar tarefas com dificuldades intermediárias, trabalhar mais e persistir mais diante do fracasso do que as pessoas com baixa motivação. (ATKINSON, 1964 citado por BERTOLINI; SILVA, 2005, p.55).

Importantíssimo considerar as palavras de Paiva (2005):

Em contextos onde os alunos estudam uma língua estrangeira por uma determinação curricular, a principal preocupação dos professores deve ser a promoção de motivação. Temos que elaborar atividade

Dois alunos disseram que usam às vezes o dicionário, outros dois não entenderam a pergunta e um comentou que não usam nenhum outro material. Um diz: Xerox, caderno, apostila, outro: Cartolina, chamex, canetinha. Entretanto, a maioria da turma afirma que usa praticamente as mesmas coisas: Quadro, giz, caneta, caderno, lápis, um deles acrescenta a sala de informática. Assim sendo, Ressalta Lima (2008): “O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender

Porém, percebe-se que não é fácil desenvolver um bom trabalho em língua inglesa na maioria das escolas públicas devido às condições reais existentes em cada uma delas. Lopes (1996) salienta que:

[...] no contexto das escolas públicas brasileiras é irreal se advogar o foco nas chamadas quatro habilidades lingüísticas, tendo em vista as condições existentes no meio de aprendizagem: carga horária reduzida (duas aulas semanais de cinquenta minutos); um grande número de alunos por turma (media de quarenta alunos por turma); domínio reduzido de habilidades orais por parte da maioria dos professores; ausência de material instrucional extra além do livro e do giz etc. (LOPES, 1996, p.132)

#### 8) Fale das tarefas que vocês fazem em sala de aula.

|                                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Marque x, complete, V ou F,                    | X | X | X |   |   |   |   | X | X |    | X  |    |    |
| Tradução de textos                             | X |   |   | X |   |   |   |   |   | X  |    | X  |    |
| Conjugação de verbos                           |   | X |   |   |   | X | X | X |   | X  |    |    |    |
| Não entendeu a pergunta                        |   |   |   |   | X |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Siga o modelo, responda as perguntas, diálogos |   |   |   | X |   |   |   |   |   |    | X  |    |    |
| Gramática e falar em inglês                    |   |   |   |   |   |   |   |   | X |    |    | X  |    |
| São chatas                                     |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    |    | X  |

Um não entendeu a pergunta, outro resumiu as tarefas em chatas. Os outros onze falaram de atividades como: Marque x, complete, V ou F, tradução de textos, conjugação de verbos, gramática e falar em inglês.



Com base nas respostas, percebe-se que as atividades trabalhadas não são nem um pouco inovadoras e muito menos atrativas, ao contrario disso, são bem cansativas, uma vez que se resumem em muitas cópias, desmotivando-os. Diante disso, destaca Lima (2008) “É aconselhável que trabalhe nas aulas com atividades que possam levar os alunos a terem prazer com a língua inglesa.”

O professor deve induzir o aluno à descoberta, precisa ser desafiado, para que almeje saber, e um modo de constituir este interesse é propiciar a ele a possibilidade de desvendar. Perante essa idéia Lima ressalva que é importante:

[...] desenvolver nos alunos uma atitude de investigação, uma atitude que garanta o desejo mais duradouro de saber, de querer saber sempre. Desejar saber deve passar a ser um estilo de vida. Essa atitude pode ser desenvolvida com atividades muito simples, que começam pelo incentivo á observação da realidade próxima ao aluno – sua vida cotidiana -, os objetos que fazem parte de seu mundo físico e social. Essas observações sistematizadas vão gerar dúvidas (por que as coisas são como são?) e aí é preciso investigar, descobrir. (LIMA, 2008)

Concluindo a sua idéia sobre como devem ser as atividades para motivar os alunos Lima (2008) afirma: “Os exercícios e tarefas deverão ter um grau adequado de complexidade. Tarefas muito difíceis, que geram fracasso, e tarefas fáceis, que não desafiam, levam à perda do interesse.”

Por sua vez, Paiva (2005, p.166) destaca duas táticas, a serem aplicadas antes de cada atividade, para consequentemente serem desenvolvidas com sucesso, ela diz que: “Antes de propor uma atividade para seus alunos, é importante que você tenha clareza das etapas envolvidas nela. As instruções para as atividades devem ser bastante claras para que os alunos não se percam na tarefa.”

Ainda Paiva reforça que as atividades precisam:

- Ser desenvolvidas também na sala de aula (não só como dever de casa), de maneira que o professor possa orientar os alunos nos diferentes estágios;
- Propiciar oportunidades para os alunos trabalharem individual e colaborativamente (em pares ou grupos);
- Guardar relação com a idade, interesses e nível de proficiência em inglês dos alunos sem, contudo, deixar de serem desafiadoras;
- Ser desenvolvidas no tempo adequado (os alunos não devem ser apressados durante a atividade);
- Estar relacionadas com o programa sendo desenvolvido, vinculado a um livro didático ou não. (PAIVA, 2005, p.153)

9) Quais as tarefas que você gosta de fazer?

|                                                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|---------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Nenhuma                                           | X |   |   |   |   |   |   | X |   |    | X  |    | X  |
| Marque x, complete, V ou F, cruzadinha, gramática |   | X | X |   |   |   |   |   | X |    |    | X  |    |
| Responda as perguntas                             |   |   |   | X |   |   |   |   |   |    |    | X  |    |
| Não entendeu a pergunta                           |   |   |   |   |   |   | X |   |   |    |    |    |    |
| Verbos                                            |   |   |   |   |   | X |   |   |   |    |    | X  |    |
| Dinâmica                                          |   |   |   |   | X |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Tradução de texto                                 |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    |    |

Quatro alunos foram diretos e objetivos dizendo que nenhuma tarefa os atrai. Outros quatro falaram de marque x, complete, V ou F, gramática, completando um desses que também gosta de responda as perguntas. Dois gostam de verbos e um diz as dinâmicas é que são boas. Tradução de texto foi citada por apenas um e, infelizmente, um não entendeu a pergunta.

Acredito que pontuam essas atividades não porque realmente gostam delas, mas sim pelo fato de não conhecerem outro tipo de atividade, isto é, por falta de opção, uma vez que em todas as aulas, as atividades aplicadas são sempre as mesmas.

10) Quais as tarefas que você não gosta de fazer?

|                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|-------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Nenhuma                 |   |   |   |   | X |   |   | X |   |    |    |    |    |
| Conversação             |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    |    |
| Não entendeu a pergunta |   |   |   |   |   |   | X |   |   |    |    |    |    |
| Verbos                  |   | X |   |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Todas                   | X |   |   |   |   | X |   |   |   |    | X  |    | X  |
| Tradução de textos      |   |   | X | X |   |   |   |   | X |    |    | X  |    |

O aluno 5 e o 8 comentaram que não gostam de nenhuma tarefa, ou seja, todas são boas pra eles. No entanto, o 8 entrou em contradição, na resposta número 9, onde eu perguntei quais as tarefas que gostam de fazer e ele também respondeu nenhuma, ou seja, todas são ruins para ele.

Apenas um fala que não gosta da conversação, um não entendeu a pergunta, outro ressalta os verbos e quatro não gostam da tradução de texto.

Os alunos 1, 6, 11 e 13 não gostam de todas as tarefas, indo de encontro com as respostas deles na pergunta número 9, onde falam que não gostam de nenhuma tarefa.

Sugere Lima:

O professor deve utilizar as estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos, utilizando para tal, métodos adequados e um currículo bem estruturado, não esquecendo do papel fundamental que a motivação apresenta neste processo. (LIMA, 2008 on line)

11) Fale da melhor aula de inglês que você já teve.

|                                                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|--------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| A aula que brincamos em inglês                               |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    |    |
| Primeiro dia de aula                                         |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    | X  |    |
| Não me lembro                                                |   | X |   |   |   | X | X |   |   |    |    |    | X  |
| Quando aprendemos verbos                                     |   |   |   |   |   |   |   |   | X |    |    |    |    |
| A aula que brincamos de verdade ou consequência              | X |   |   |   | X |   |   |   |   |    | X  |    |    |
| Quando meus colegas participam e a professora fala em inglês |   |   |   |   |   |   |   | X |   |    |    |    |    |
| Quando tivemos aula de Conversação                           |   |   |   | X |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Quando a professora não veio                                 |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |

Quatro alunos dizem não se lembrar da sua melhor aula, revelando, portanto que, não houve uma aula interessante e por isso não ficou marcada na memória.

Por outro lado, nota-se a preferência por aulas que contemplem atividades lúdicas e atividades orais, uma vez que, dos treze alunos que responderam, seis disseram que a melhor aula foi a que brincaram e a aula em que a professora falou em inglês. Logo, fica evidente que para eles, falar em inglês nas aulas não é freqüente, não é comum.

Por último, um teve a coragem de relatar que a sua melhor aula foi quando a professora não foi, conseqüentemente não teve aula, por isso gostou.

Lima (2008) explica: “Torna-se tarefa primordial do professor identificar e aproveitar aquilo que atrai a criança, aquilo do que ela gosta, como modo de privilegiar seus interesses.” Ela ainda complementa: “Motivar passa a ser, também, um trabalho de atrair, encantar, prender a atenção, seduzir o aluno, utilizando o que a criança gosta de fazer como forma de engajá-la no ensino.”

12) Como é o relacionamento de vocês com a professora?

|                                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|-----------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Ótimo                             | X |   |   |   | X |   |   |   |   |    |    | X  | X  |
| É bem legal                       |   | X |   |   |   |   |   | X |   |    |    |    |    |
| É bom, ela interage com os alunos |   |   | X | X |   |   | X |   | X |    | X  |    |    |
| Normal                            |   |   |   |   |   | X |   |   |   |    |    |    |    |
| Não entendeu a pergunta           |   |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    |    |

Um considera normal o relacionamento da turma com a professora, sem maiores detalhes e outro infelizmente não entendeu o enunciado. Entretanto, onze alunos, responderam positivamente. Essas respostas variaram entre: ótimo; bem legal; é bom, ela interage com os alunos. Em suma, percebe-se que há uma boa interação entre os alunos e a professora, confirmando as respostas dadas na questão nº2.

## 13) A professora gosta de ensinar inglês?

|                                                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|--------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Sim, porque ensina bem                                       | X | X |   |   |   |   |   | X | X | X  |    |    |    |
| Sim                                                          |   |   |   | X | X | X | X |   |   |    | X  |    |    |
| Sim, porque ela fala que ama não só o inglês como o espanhol |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    | X  |    |
| Não sei, nunca perguntei                                     |   |   |   |   |   |   |   |   |   |    |    |    | X  |
| Não entendeu a pergunta                                      |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |

Dos treze participantes, onze acreditam que ela gosta sim, de ensiná-los inglês. Eles especificaram suas respostas entre: sim, porque ensina bem; apenas sim, sem mais detalhes e sim, porque ela fala que ama não só o inglês como o espanhol.

O aluno 3 não entendeu o que eu havia lhe perguntado e o 13 disse que não sabia, pois nunca a perguntou.

Perante as respostas que os alunos deram, nota-se que a professora gosta, ou pelo menos apresenta gostar de ensinar inglês. Salienta Lima:

O ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende, só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir. (LIMA, 2008)

## 14) Você acredita que é importante estudar inglês? Por quê?

|                                                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
|---------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|
| Sim, porque abre novas portas na área de trabalho       |   | X |   | X |   |   |   |   |   |    | X  |    |    |
| Sim, por causa do vestibular                            |   |   | X |   |   |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Sim, porque é bom                                       |   |   |   |   | X |   |   |   |   |    |    |    |    |
| Sim, pra ajudar futuramente                             |   |   |   |   |   | X | X | X | X |    |    | X  |    |
| Sim, pra ajudar se mudarmos pra um país que fala inglês | X |   |   |   |   |   |   |   |   | X  |    |    | X  |

Há unanimidade nas respostas. Todos os treze estudantes responderam afirmativamente, variaram apenas os porquês.

Ponto positivo, uma vez que é fundamental para se alcançar um bom resultado, ter a consciência da eficácia do que se está fazendo. O que vai de encontro com o pensamento de Bock (1999) apud Lima (2008):

Compreender a utilidade do que se está aprendendo é também fundamental. Não é difícil para o professor estar sempre retomando em suas aulas a importância e utilidade que o conhecimento tem e poderá ter para o aluno. Somos sempre “a fim” de aprender coisas que são úteis e têm sentido para nossa vida. (BOCK, 1999, apud LIMA, 2008)

Novamente, as respostas revelam a presença da motivação instrumental já que os alunos acreditam nas vantagens que possam vir a ter caso aprendam o inglês. Confirmam também a existência da motivação extrínseca, ou seja, estão interessados no reconhecimento externo, em recompensas sociais.

Seguindo o mesmo pensamento de deixar claro para o aluno, a importância dia após dia, da necessidade de se aprender uma língua estrangeira, reforça Lima (2008): “Não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender o que está sendo tratado. Por meio dessa necessidade, o aluno se dedica às tarefas inerentes até se sentir satisfeito.”

### 2.3.2 Questionário da professora:

1) Você gosta de lecionar inglês?

*R – Sim, pois ensinar em inglês é o mesmo que viajar em outra cultura.*

Pude perceber, nos dias que estive presente em suas aulas, que a professora realmente está sempre ensinando com um sorriso no rosto, demonstrando prazer. Outro motivo que talvez confirme sua resposta, é que dez alunos responderam no questionário, que ela gosta sim de ensinar inglês, A comparação que ela fez para afirmar sua resposta, é muito interessante, quando diz que gosta de ensinar inglês, pois é o mesmo que viajar em outra cultura. Isto pressupõe que ela gosta de aprender coisas novas de outros povos e regiões. Entretanto, ela não é bem

sucedida em suas aulas. E isso acontece não pelo fato dela não gostar de lecionar inglês, mas quiçá por outros motivos que serão abordados abaixo.

2) Você tem autonomia para planejar e desenvolver suas aulas?

*R – Sim, a equipe pedagógica da escola dá toda liberdade (dentro das matrículas curriculares) para os professores planejar e ministrar suas aulas.*

Se realmente há essa autonomia dos docentes para o planejamento e o desenvolvimento das aulas, está faltando mais criatividade e iniciativa por parte da professora, na hora de elaborar e desenvolver suas aulas. Isso pode ser confirmando nos relatos das observações que fiz de algumas aulas, onde a professora utiliza-se do Método da Gramática e Tradução e também prioriza o conhecimento sistêmico.

Conforme as observações das aulas, no relatório abaixo, a professora trabalhou com o verbo *can* durante três aulas e da mesma forma, os alunos apenas copiavam e repetiam o que ela passava no quadro, não trabalhando nenhuma habilidade e nem diversificando as aulas, o que levou a desmotivação e ao desinteresse da turma. Está faltando, pois, o conhecimento de novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagens de línguas, o que poderia lhe trazer inovações e criatividade para suas aulas e, acima de tudo, reflexões sobre a sua prática em sala de aula.

3) Você se sente motivada no seu trabalho? Por quê?

*R – Sim, uma vez que vejo o interesse e o desenvolvimento dos alunos crescerem gradativamente.*

A professora pode sim estar dizendo a verdade ao falar que se sente motivada no seu trabalho, entretanto não pode ser pelo interesse e o desenvolvimento da turma, ainda mais por esses crescerem gradativamente, uma vez que isso não acontece. Ela entra em contradição com as respostas dos alunos, porque eles deixam claro, pelo menos ao responderem ao questionário, que sabem da importância de aprender uma língua estrangeira, principalmente o inglês, todavia alguns disseram que não gostam e nem se empenham em fazer nenhuma atividade.

De acordo com as observações feitas, só há participação dos alunos nas aulas de inglês, se a professora os chantagear dizendo que vai tirar ou atribuir nota de participação, ao contrário apenas um ou dois participam sem reclamações. Assim

sendo, nota-se que o interesse e o desenvolvimento em geral, não é bom e que não estão tendo um crescimento gradativo.

4) Seus alunos gostam de estudar inglês? Por quê?

*R – Pode se considerar que a grande maioria gosta, pois desempenham com dedicação e carinho as atividades propostas em classe e extraclasse.*

Com base nas respostas que os alunos deram à primeira pergunta do questionário, onde se trata desta mesma pergunta, ela está correta ao dizer que a maioria gosta, uma vez que oito disseram que gostam de estudar inglês porque é interessante e porque ajudará futuramente.

Portanto ao se justificar dizendo que eles gostam pelo fato de desempenharem com dedicação e carinho as atividades propostas em classe e extraclasse, discordo plenamente, pois os próprios alunos comentam sobre a participação da turma na quinta pergunta do questionário, dizendo cinco alunos que nem todos participam, um é claro e objetivo e diz apenas que não participam, três declaram que às vezes participam e apenas quatro afirmam participarem.

Neste caso, se eles não têm uma boa participação, obviamente não desempenham bem as atividades propostas em classe e extraclasse.

5) Relacione as atividades que seus alunos mais gostam de fazer em sala de aula.

*R – Interpretação de texto, enumere, complete e aulas de conversação.*

Apenas uma dessas atividades relacionadas pela professora, como as que os seus alunos mais gostam, condiz com as respostas dos alunos na nona pergunta do questionário, que é o complete, sendo que, as outras, interpretação de texto, enumere e aulas de conversação, não foram comentadas pelos alunos como as que mais gostam de fazer. Quatro alunos disseram que não gostam de nenhuma atividade, outros quatro falam que gostam de marque X, complete, V ou F, cruzadinha e gramática. Dois falaram da preferência sobre responda as perguntas, mais dois preferem verbos, sendo um o mesmo que disse gostar de marque X, complete, V ou F, cruzadinha, gramática e responda as perguntas. Um falou das dinâmicas e outro de tradução de texto. Infelizmente um não entendeu a pergunta.

Diante dessas respostas dos alunos, observamos que a professora não está muito a par das preferências de seus alunos, mostrando com isso, não ser muito



próxima a eles e que também não usa do diálogo como forma de melhorar suas aulas, uma vez que usando saberia a posição dos alunos diante de cada atividade. Não tendo esta consciência, logo propõe atividades que podem distanciar ainda mais o aluno da Língua Inglesa.

6) Comente pelo menos cinco atividades que você gosta (ou gostaria) de usar com seus alunos explicando o porquê.

*R – Diálogos, interpretação de texto, jogos, teatro, produção de texto, pois são atividades que desenvolvem o raciocínio do aluno e ao mesmo tempo faz com que os mesmos tenham um contato real com a língua inglesa.*

Realmente as atividades propostas pela professora são boas, trabalham com o raciocínio do aluno e os levam a ter uma relação mais próxima com a língua em questão. Todavia ela não executa essas atividades em suas aulas, a sua teoria é muito interessante e muito válida, mas nada adianta se não há a prática.

Atividades como estas propostas por ela seriam, com certeza, motivadoras, pois sairia da rotina e quebraria a monotonia de suas aulas, logo os alunos teriam outra concepção de aprendizagem de línguas.

7) Você utiliza livro didático? Como?

*R – Sim, utilizando dele textos e tópicos gramaticais, mas sempre usando outras atividades como complemento.*

Nas aulas que pude acompanhar, ela utilizou o livro para passar o conteúdo que estava aplicando, que no caso era o verbo can e suas respectivas atividades. Em nenhum momento trabalhou com textos e nem atividades complementares.

Até no momento que aplicou um trabalho a ser feito pelos alunos em duplas, ela se utilizou do livro para passar um diálogo como modelo e as expressões usadas nele e outras como suporte para os diálogos que eles produziram.

8) Quais os recursos que a escola dispõe para serem utilizados pelos professores em sala de aula?

*R – Quadro, giz, data show, laboratório de informática.*

Diante da observação que fiz no colégio, ele realmente dispõe desses recursos e também dispõe de um som, uma sala de vídeo com TV e DVD, uma máquina de Xerox e também de uma biblioteca.

9) Você utiliza esses recursos em suas aulas?

*R – Sim, frequentemente.*

Há uma contradição, porque quando perguntei na sétima questão do questionário, que outros materiais os alunos utilizam em sala além do livro, sete responderam que usam o quadro, giz, caneta, caderno, lápis, e apenas um citou a sala de informática. Um disse xérox, caderno e apostila, outro aluno disse cartolina, chamex e canetinha e mais um falou que não usam nenhum outro material. Dois disseram que às vezes usam o dicionário e outros dois não entenderam o que eu lhes havia perguntado.

Assim sendo, o frequentemente da professora ficou duvidoso, uma vez que realmente vi apenas o livro, caderno, caneta, quadro e giz, como recursos, nas aulas observadas. Outro aspecto que também me pareceu duvidoso, foi o fato de somente um dos treze alunos dizer que usam a sala de informática, levando-nos a pensar se, na verdade, utilizam ou se citou por citar.

10) Que outros recursos você utiliza em suas aulas?

*R – Cartazes, Xerox imagens relacionadas ao tema trabalhado.*

Perante minhas observações feitas na resposta anterior e as respostas dos alunos ao questionário, também nota-se que esses recursos mencionados pela professora não são utilizados.

11) Que conteúdos você prioriza em suas aulas?

*R – A meu ver produções, interpretações de textos e conversação é sempre prioridade, mesmo sabendo que a parte gramatical é de suma importância.*

Os alunos falaram, na oitava pergunta do questionário, que as atividades que fazem em sala de aula são atividades como: marque X, complete, V ou F, tradução de textos, conjugação de verbos, siga o modelo, responda as perguntas, diálogos, gramática e dois alunos mencionaram falar em inglês como atividade. Um disse apenas que as tarefas são chatas e outro não entendeu a pergunta.

Diante dessas respostas dadas pelos alunos, relatando quais são os tipos de atividades que fazem em sala de aula, percebe-se que não há produções e interpretação de textos, como a professora diz que prioriza. Apenas dois relatam que falam em inglês. Sendo um número muito pequeno, pode-se pensar que são raros esses momentos de falar em inglês, tão raros que foi a minoria que se lembrou de

dizer. Por conseguinte, ao contrário de sua fala, ela prioriza é a parte gramatical, pois os alunos não falaram sobre os conteúdos dados pela professora nesta questão analisada. Falaram sobre os exercícios feitos em sala logo, observa-se que eles fazem parte da gramática, por isso chega-se a essa conclusão.

12) Como é o seu relacionamento com os alunos?

*R – Procuo ter um relacionamento amistoso com os meus alunos, pois um bom relacionamento entre professor e alunos é parte importante para aquisição de uma segunda língua.*

Todos os dados mostram que realmente há um bom relacionamento entre professora e alunos. Eles deixam claro para todos que amam a professora, que ela é ótima e muito legal, que o relacionamento entre eles é bom, porque ela interage com a turma. Esses comentários foram feitos pelos alunos na décima segunda pergunta do questionário, onde confirmam a resposta dada pela professora. O bom relacionamento entre eles é tão bom, que cinco alunos responderam, na segunda pergunta do questionário, que o que mais gostam nas aulas de inglês é da professora simplesmente.

13) Como você descreve as relações entre corpo docente, coordenação pedagógica, direção e funcionários na escola?

*R – Entre toda a equipe escolar a um clima amistoso, todos desempenham muito bem suas funções e sempre que possível um auxilia o outro em suas dificuldades.*

Se as relações são realmente boas na escola, elas deveriam contribuir significativamente para o bom desempenho das aulas e para a motivação de todos no processo de ensino e aprendizagem.

14) Você acredita que a quantidade de alunos em sala contribui para o êxito do trabalho do professor?

*R – Sim, em salas que apresentam um menor número de alunos há mais produtividade, além das chances dos alunos participarem ativamente das aulas serem maiores.*

Sem sombra de dúvidas que quanto mais alunos em uma sala de aula, menores são as chances de produtividade e também de participação de cada um

deles, sem contar que quando o número de alunos é grande a qualidade da aula só tende a cair, diferente de um número menor onde se tem mais domínio e controle da turma, fazendo com que participem mais frequentemente. Considerando que a professora conta com apenas 16 alunos freqüentes nesta sala, pode-se afirmar que é uma turma pequena. Entretanto os resultados não são positivos, havendo, mais uma vez, incoerência em sua fala.

15) Seus alunos têm consciência da importância de aprender uma língua estrangeira atualmente?

*R – Não, os alunos em sua maioria não vêem sentido nenhum em aprender inglês, porém isso não quer dizer que eles não gostem de estudar inglês.*

Primeiramente, na sua resposta logo deparo com uma outra contradição. Fiz essa mesma pergunta aos alunos no questionário e eles me surpreenderam respondendo em unanimidade que vêem sim importância em aprender língua estrangeira atualmente. Suas justificativas variaram entre: porque abre novas portas na área de trabalho, por causa do vestibular, porque é bom e para ajudar futuramente, enfim, entendem que é importante para suas vidas nas mais variadas formas.

Por conseguinte, nota-se que mais uma vez a professora está totalmente errada sobre os conceitos que os alunos têm da língua inglesa em todos os aspectos.

16) Você trabalha de forma interdisciplinar?

*R – Sim, pois é inevitável trabalhar a língua inglesa isolada, uma vez que temas sobre saúde, meio ambiente, matemática, ciência está sempre presente.*

As respostas dos questionários dos alunos e as aulas que observei, infelizmente, não me forneceram subsídios para concordar ou não com a resposta dada pela professora. No entanto, acredito que, novamente, a fala da professora não condiz com sua prática, uma vez que, quase sempre, o trabalho interdisciplinar promove a motivação dos alunos.

17) Você desenvolve algum projeto de Língua Inglesa na escola?

*R – Sim, projeto sobre panfletos sobre cidades turísticas, finalizando com panfletos da cidade de Taquaral.*

Ela realmente desenvolveu esse projeto com os alunos, porém não tive a oportunidade de saber como foi a sua realização.

18) Qual é a sua concepção do ofício de educador?

*R – A meu ver educar é mediar caminhos para que o aluno consiga chegar às soluções, pois assim os mesmos se tornam mais críticos e preparados para atuar na sociedade.*

Faço minhas as palavras da professora, porque também tenho essa mesma concepção sobre educar, no entanto o que falta nela é colocar em prática essas lindas palavras para fazer valer o tempo gasto em ensinar e aprender.

### 2.3.3 Observações em sala de aula

#### Primeira observação

Dezesseis alunos estiveram presentes na primeira aula observada. O conteúdo trabalhado em sala pela professora foi o verbo *can* no tempo presente.

A professora iniciou com uma rápida explicação sobre esse verbo, demonstrando como ele é conjugado e seu significado. Logo após, escreveu no quadro uma breve introdução e conjugou o verbo nas formas: afirmativa, negativa e interrogativa. Aguardou os meninos copiarem, o que demorou bastante, pois a turma é muito dispersa e tudo é motivo de conversa e desordem.

Após terem copiado, a professora conjugou o verbo nas três formas, oralmente e pediu para que todos juntos fizessem o mesmo. Depois de muita reclamação eles obedeceram em parte, pois nem todos conjugaram.

Considerando a prioridade dada ao conteúdo puramente gramatical e a maneira com que a professora aborda esse conteúdo, percebe-se que ela está bastante ligada ao Método da Gramática e Tradução, que é bem tradicional e superado. Não se preocupa com o desenvolvimento das habilidades comunicativas

do aluno e nem proporciona a eles a oportunidade de pensar, de descobrir algo novo, de criar, enfim, de construir sua própria aprendizagem.

Em nenhum momento, ela “conversou” com os alunos em inglês. Ela apenas os cumprimentou em inglês ao entrar na sala e conjugou o verbo *can* oralmente. Sua pronúncia é boa, entretanto não foi possível perceber a sua fluência na língua, uma vez que ela somente os cumprimentou e conjugou o verbo em inglês.

Fica claro, portanto, que ela não se preocupa em trabalhar nenhuma habilidade, visto que os alunos apenas copiam e repetem aquilo que ela “ensina”.

A professora não utilizou recursos variados, uma vez que a escola não oferece muitos. A escola acaba de adquirir um data show, entretanto, a professora diz ser uma burocracia enorme utilizá-lo. Diante dessa situação, ela usa apenas o seu livro, quadro e giz. Todavia, não sabemos se realmente essa burocracia existe ou se é um pretexto, talvez por não saber utilizá-lo.

É importante lembrar que somente ela possui o livro, os alunos não. Por isso, há muita cópia do quadro, ocasionando o cansaço dos alunos.

Como atividade escrita, eles primeiro traduziram o verbo nas três formas, depois ela passou um complete e produção de frases soltas. Novamente, fica evidente a utilização do Método da Gramática e Tradução.

Sobre a interação, aluno / aluno e aluno / professor, não se pode dizer que é das melhores. A professora dá muita liberdade para os alunos e eles usam essa liberdade de forma exagerada, atrapalhando a aula e fugindo do seu controle. Conversam o tempo todo, fazem piadas uns dos outros, andam na sala e saem sem pedir licença,

Quanto a intrigas entre eles e a professora, não se percebe nenhuma. Ela sempre os trata com um sorriso no rosto. Acredito que por este motivo, por sempre ser meiga, eles deixam claro que não gostam de inglês, todavia amam a professora. Porém, se a ela perde o controle da situação, mesmo sendo querida pelos alunos, não vejo uma boa interação na sala de aula, até porque a desorganização acontece durante toda a aula.

Algo que facilita essa indisciplina é a disposição das carteiras em sala de aula. Muitos alunos se agrupam para facilitar o bate papo e outros preferem ficar no fundo da sala e a professora aceita sem nenhuma reclamação, o que facilita ainda mais a desordem.

A participação dos alunos nas aulas, só existe quando a professora insiste e quando diz que está valendo nota de participação. Há, portanto, evidências da motivação extrínseca, ou seja, os alunos realizam as tarefas para obter algo em troca, estando pois, interessados em recompensas externas.

Depois de uma conversa com a professora, soube que ela avalia seus alunos todos os dias, com trabalhos em sala e em casa, em grupos e individualmente e também com uma prova bimestral.

### Segunda observação

Estiveram presentes na segunda aula observada, dezoito alunos. O conteúdo que a professora trabalhou em sala foi o verbo can no tempo passado. Novamente, percebe-se que o conhecimento sistêmico é priorizado, confirmando aí um modelo bem tradicional de ensino de línguas.

A professora iniciou com algumas observações sobre o verbo can, tanto no presente, como revisão, quanto no passado como conteúdo novo. Escreveu no quadro como exemplo, frases na afirmativa, interrogativa e negativa usando can e could. Explicou todos os exemplos, esclarecendo como o verbo deve ser empregado e logo após conjugou o verbo nas formas: afirmativa, negativa e interrogativa. Aguardou os meninos copiarem, o que demorou bastante, pois a turma mais uma vez estava muito dispersa.

Após terem copiado, a professora conjugou o verbo nas três formas oralmente e pediu pra que todos juntos fizessem o mesmo. Conjugaram depois de terem reclamado bastante. Constata-se aqui a utilização do Método da Gramática e Tradução, ou seja, o mesmo da aula assistida anteriormente, onde vale ressaltar, que é bem tradicional e superado. Novamente não se preocupou com o desenvolvimento das habilidades comunicativas do aluno e nem proporcionou a eles a oportunidade de pensar, de descobrir algo novo, de criar, enfim, de construir sua própria aprendizagem. Simplesmente ela só mudou em “partes” o conteúdo trabalhado, uma vez que a metodologia foi à mesma.

A professora em nenhum momento, “conversou” com os alunos em inglês, apenas os cumprimentou em inglês ao chegar e ao sair. Ela só conjugou o verbo oralmente, e leu as frases que escreveu como exemplo.

Mais uma vez a professora usou apenas o seu livro, quadro e giz. Porém, ela poderia ter sido um pouco mais criativa e ter diversificado sem depender propriamente da escola. Por causa dos recursos que ela utilizou, ocasionou, de novo, o cansaço dos alunos, podendo ser notado nitidamente pela forma com que copiavam, agiam, olhavam, falavam, enfim, houve novamente muita cópia do quadro, desanimando muitos.

Como atividade escrita em sala, primeiramente pediu aos alunos que traduzissem o verbo nas três formas, depois ela passou algumas frases para serem mudadas para o tempo passado, outras frases para serem passadas para a forma negativa abreviada e por extenso e outras para a forma interrogativa. Também passou um pequeno diálogo onde continha a verbo to can no presente e passado e pediu que o traduzissem.

#### **DIALOG**

A: Good afternoon. I´m Andrew.

B: Glad to meet you, Andrew.

A: Glad to meet you too. What´s your name?

B: My name is John.

A: Do you live in this city?

B: Yes, I do. Can I help you ?

A: Oh, yes.

A: Please, could you tell me where Alabama street is?

B: Uh-huh. I can. Go straight. Alabama street crosses this street at the traffic lights.

A: OK! Thank you!

B: You're welcome. Have a nice day.

A: You too.

Quanto à interação em sala de aula, a professora perde o controle da situação, mesmo sendo querida pelos alunos. Não há um bom desenvolvimento, até porque a desorganização acontece durante toda a aula. A disposição das cadeiras contribui com a indisciplina, pois muitos alunos se agrupam para facilitar o bate papo.

Repetindo, só há participação dos alunos quando a professora insiste e quando diz que está valendo nota de participação. Contudo, quando está explicando



conteúdo e lançando atividades no dia a dia, os alunos sempre estão de bate papo e ela nada faz. Continua seus afazeres normalmente, reclama uma vez ou outra, mas nada muda e no final são pouquíssimos os que não alcançam a média. Ela mesma diz em uma conversa que a culpa não é dela e sim do sistema que deseja ser assim e complementa dizendo que o governo quer números de aprovados, não importa como e nem o que custa para isso acontecer. Diz que gostaria que tudo isso mudasse, mas não tem forças para lutar sozinha contra a maré, sendo assim, opina por obedecer, mesmo sendo contra seus princípios.

Desta forma, percebe-se que a professora se acomodou. Ela precisa buscar mais conhecimentos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e, dentro de seus limites, inovar sua prática na sala de aula.

### Terceira observação

Quatorze alunos estiveram presentes na terceira aula observada. O conteúdo trabalhado em sala pela professora foi à correção das atividades lançadas na aula passada sobre o verbo *to can* no tempo passado.

A professora iniciou perguntando se todos tinham feito as tarefas que ela havia passado na aula anterior. Alguns foram francos e disseram que não, outros sim. Então resolveu iniciar a correção, solicitou três alunos para corrigir oralmente em inglês e português o verbo *can* no passado nas formas: afirmativa, negativa e interrogativa. Assim foi feito, os alunos solicitados responderam corretamente e claro, que as pronúncias não foram das melhores, mas participaram.

Depois pediu que fizessem, um a um, de acordo com a fila, as correções das frases. Primeiro as que deveriam ser mudadas para o tempo passado, depois para a forma negativa abreviada e por extenso e logo em seguida, para a forma interrogativa. Alguns não queriam participar, mas a professora insistiu dizendo que se necessário iria ajudá-los e assim ela o fez. Houve muita resistência no início quando ela sugeriu a correção no quadro, todavia apenas dois alunos não quiseram participar. Alguns fizeram errado no quadro e a professora corrigiu mostrando o erro.

Também fez a correção oralmente do pequeno diálogo da aula anterior, para ser traduzido, onde continha a verbo *to can* no presente e passado.

Nessa aula foram trabalhadas as habilidades: *writing and reading* e como recurso, a professora utilizou apenas o seu livro, quadro e giz novamente.

Como sempre, houve muita conversa enquanto estavam sendo feitas as correções. A professora interrompia a aula para pedir silêncio, mas pouco adiantava. Os alunos já perderam o respeito e a cena se repete: eles conversam, ela para o que esta fazendo, dá um sermão, eles calam por meio minuto e logo em seguida, voltam a conversar e assim sucessivamente.

Uma aluna abusou da colega por ter errado na correção e começou uma pequena discussão que logo foi interrompida calmamente pela professora.

No início das correções no quadro, a professora disse que iria valer nota de participação, com isso, apenas dois alunos não quiseram participar, não explicaram o motivo, apenas disseram que não iriam e ela os respeitou.

Como das outras vezes, os alunos estavam em grupo conversando e outros no fundo da sala e alguns poucos atentos.

Como forma de avaliá-los, ela abriu o seu caderno de anotações e disse que avaliaria em positivo e negativo, ganharia positivo quem participasse, independente se acertasse ou errasse e negativo pra quem recusasse a participar.

Portanto, nesta aula foram realizadas em sala apenas as correções das atividades lançadas na aula anterior sobre o verbo to can no tempo passado, deixando clara a idéia de que a correção não faz parte do processo de aprendizagem sendo, além disso, uma tarefa indesejada e ruim.

Considerando então os procedimentos adotados pela professora, percebe-se que ela utiliza meios de correção nada inovadores, ao contrário, tais procedimentos estão bem ligados à teoria comportamentalista, que dá suporte aos métodos mais tradicionais do ensino e aprendizagem de línguas, ou seja, o Método da Gramática e Tradução e o Método Audiolingual.

#### 2.3.4 Descrição de dois trabalhos:

##### Primeiro trabalho

Estive presente nesse trabalho que descrevo abaixo:

Um dos trabalhos produzidos em sala de aula e em duplas foi uma produção de diálogo. Primeiro ela formou as duplas, passou o seguinte diálogo do livro no quadro e pediu que as duplas copiassem no caderno:

## INTRODUCING

A: **Good morning**. I'm Daniel Murray.

B: **Nice to meet you**, Daniel.

A: **Nice to meet you** too. What's your name?

B: **My name is** Alison, Alison Hill.

A: Do you live here?

B: Yes, I do. Did you move in yesterday?

A: Yes, I did.

B: Do you need help?

A: Oh, yes, I do. Would you help me?

B: Yes.

A: Will you have time this afternoon?

B: Uh-huh.

A: OK! **See you later**.

B: **Bye-bye**.

A professora passou também algumas expressões no quadro para que copiassem:

## EXPRESSIONS

**GOOD MORNING**

**GOOD AFTERNOON**

**GOOD EVENING**

**NICE TO MEET YOU (TOO)**

**GLAD TO MEET YOU (TOO)**

**HOW DO YOU DO?**

**MY NAME IS...**

**IT'S...**

**SEE YOU LATER**

**GOOD- BYE**

**BYE (-BYE)**

**SO LONG**

**GOOD NIGHT**

Leu o diálogo e explicou as expressões que ali continham, disse que, para cada situação existem expressões diferentes. No caso deste diálogo, eram expressões de primeiro encontro. Depois passou outras expressões de vários tipos de situações diferentes, explicando cada uma delas. Por exemplo:

## EXPRESSIONS:

## MEETING

HI  
MUCH)

HELLO

HOW ARE YOU?

HOW'S IT GOING?

HOW'VE YOU BEEN?

FINE, THANKS

PRETTY GOOD

THAN YOU (VERY

THANKS (A LOT)

YOU'RE WELCOME

MY PLEASURE

ANY TIME

OK

VERY WELL

## CHATTING AT A FAST-FOOD RESTAURANT

CAN I HELP YOU?

MAY I HELP YOU?

PLEASE

I'D LIKE...

I'LL HAVE THE SAME

THE SAME FOR ME, (PLEASE)

FOR HERE OR TO GO?

FOR HERE

TO GO

IS THAT IT?

WILL THAT BE ALL?

YES, THANK YOU

NO, I'D ALSO LIKE...

HAVE A NICE DAY

HAVE A GOOD DAY

## BUYING A GIFT

EXCUSE ME

PARDON ME

SAY THAT AGAIN

I BEG YOUR PARDON?

(WOULD YOU) REPEAT THAT PLEASE?

HAVE A SEAT

TAKE A SEAT

SIT DOWN, PLEASE

HERE THEY ARE\

HERE IT IS

HERE YOU ARE

Até então, a aula estava indo bem, alguns alunos interessados outros conversando como de costume, porém melhor que a anterior. Mas, foi só a professora dizer que tinham um trabalho a fazer, que teriam que produzir em duplas um diálogo com o tema e a situação a escolher, usando as expressões estudadas, foi motivo suficiente para começar as reclamações.

Percebi que a professora poderia tê-los motivado para a realização da tarefa, ter explorado o diálogo de forma diferente, utilizando outros recursos mais interessantes. A produção de texto é sempre uma boa atividade, desenvolve bastante o raciocínio e trabalha com a criatividade de cada um. O trabalho em duplas promove a interação, faz com que um auxilie o outro nas dificuldades e, nesta tarefa, cada um teria um papel a ser desenvolvido já que se tratava de um diálogo. Todavia, os procedimentos utilizados pela professora não conseguiram despertar o entusiasmo dos alunos, nem o interesse e a curiosidade.

A professora teve duas aulas seguidas nesse dia para suprir a ausência de uma outra professora, mas já havia perdido generosos minutos da sua segunda aula tentando fazer com que todos participassem da atividade. Porém, muitos preferiram fingir que estavam fazendo o trabalho quando na realidade estavam conversando com a sua dupla. Enquanto isso, a professora disse que se precisassem de ajuda poderiam chamá-la, mas, para meu espanto, apenas duas duplas pediram auxílio e as demais continuaram na embromação. A professora atendeu muito bem os alunos que a solicitaram, chamou a atenção dos outros mais uma vez. Como não foi atendida, deixou-os de lado, sentando-se em sua cadeira e assim foi até o término da aula. Disse a eles que poderiam terminar em casa e que na próxima aula teriam que trazer o diálogo pronto e estarem preparados para lerem na frente da sala. Esta notícia soou como um castigo e causou um alvoroço, todos falavam ao mesmo tempo que não iriam se apresentar na frente, que o máximo que fariam eram trazer por escrito. Alguns tiveram até a audácia de dizer que se ela quisesse apenas o escrito bem, mas se não, não faria diferença, porque apresentar não iriam.

Diante daquela situação, resolvi conversar com alguns alunos e perguntei, o porquê não queriam apresentar. A grande maioria me respondeu que não sabiam falar em inglês e que, se fossem à frente “pagariam um mico” pra os colegas e eles iriam rir e debochar. “Todos fazem isso” disse uma aluna nervosa com a situação.

Segundo trabalho

O trabalho a seguir foi relatado por uma aluna:

Segundo a aluna, esse trabalho feito por eles individualmente, em casa e por um período de um mês, tratava-se da elaboração de um dicionário. Tiveram que



gosto pela descoberta e pelos desafios.

- Os recursos utilizados em sala não são atrativos, na maioria das vezes utiliza apenas o quadro e o giz.

- A professora mostra-se desprovida de conhecimentos a respeito de novas metodologias para o ensino de línguas estrangeiras e não demonstra a necessidade de buscar inovações para a sua prática.

Em relação à segunda pergunta, foi possível identificar a motivação e sua relação com o bom êxito na aprendizagem de língua Inglesa. Lima (2008) ressalva que “uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração”, nessa perspectiva, nota-se que a força que move o sujeito a realizar atividades, sem dúvida é a motivação.

Lima afirma que:

[...] a aprendizagem acontece por um processo cognitivo imbuído de afetividade, relação e motivação. Assim, para aprender é imprescindível “poder” fazê-lo, o que faz referência às capacidades, aos conhecimentos, às estratégias e às destrezas necessárias, para isso é necessário “querer” fazê-lo, ter a disposição, a intenção e a motivação suficientes. (LIMA, 2008).

Portanto, ficou claro que a relação entre aprendizagem e motivação é mútua, deste modo, a motivação pode causar um efeito na aprendizagem e no desempenho, do mesmo modo que a aprendizagem pode intervir na motivação.

Quanto a terceira e última pergunta, os dados revelam que a metodologia de ensino utilizada pela professora influencia na desmotivação dos alunos. Ela não é nem um pouco inovadora, nem diferenciada, ao contrário disso, é cansativa, exaustiva, enfim sem nenhuma diversidade e criatividade. Confirmamos isso tudo, através dos questionários e das observações das aulas, onde as tarefas aplicadas à turma eram sempre as mesmas, com muitas cópias do quadro, a professora nunca falava com os alunos em inglês e muito menos os incentivava a isso. Os únicos momentos em que falavam algo em inglês foram quando ela pedia que repetissem o que ela lia do quadro, ou seja, não trabalhavam nenhuma habilidade e com isso os alunos não viam nas aulas nenhuma finalidade, levando a um total desinteresse.



### **3.2 Limitações deste estudo**

Este estudo como qualquer outro, apresenta suas limitações, uma vez que os resultados não podem ser generalizados. Este grupo reduzido de alunos e esta professora podem representar apenas uma determinada realidade, ou seja, a realidade da turma do 8º ano do ensino médio do Colégio Estadual Princesa Isabel da cidade de Taquaral. Essa limitação também se justifica pelo curto período de realização da coleta de dados e da aplicação dos questionários, que impossibilitou a utilização de outro instrumento como, por exemplo, a entrevista.

### **3.3 Sugestões de futuras pesquisas**

Com o intuito de conseguir uma maior generalização dos resultados aqui obtidos, proponho os seguintes estudos:

- Estudos para a investigação da importância da motivação no processo de aprendizagem da língua inglesa, com alunos de diferentes escolas públicas;
- Estudos para a investigação da importância da motivação no processo de aprendizagem da língua inglesa, com alunos de rede particular.
- Estudos para a investigação da importância da motivação no processo de aprendizagem da língua inglesa, com alunos do Curso de Letras.

Para concluir, vê-se que a professora acredita estar desenvolvendo um bom trabalho, talvez pelo fato dos alunos afirmarem que gostam muito dela. Na verdade, ela está caindo na mesmice e camuflando seu insucesso com um sorriso no rosto. Os alunos, por sua vez, também não estão desenvolvendo um bom papel, porque estão deixando a desejar quanto ao empenho e a dedicação, levando com isso à desmotivação de ambas as partes.

Às vezes o professor não se da conta, de que está desmotivado, mas as suas aulas refletem tal sentimento e assim leva os alunos a ficarem também desmotivados e perderem o gosto pelo estudo.

Finalizando, é viável reforçar que, quase sempre, o procedimento de transformação é uma empreitada árdua e exige sacrifício, quebra de resistências e

principalmente, vontade. A questão está aí para ser refletida. Não há qualquer receita pronta. Trata-se muito mais de comprometimento, espantando o comodismo e o continuísmo. É necessário arriscar, apostar, diferenciar...

## REFERÊNCIAS

- BERTOLINI, E. A. S.; SILVA, M. A. de Mello. *Metacognificação e motivação na aprendizagem: relações e implicações educacionais*. Revista Técnica IPEP, São Paulo, SP, v. 5, n.1/2, p.51-62, dez. 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da educação: *Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Estrangeira, 3º e 4º ciclos*, Brasília, 1998.
- ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. Oxford University Press, 1997.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *Semeando a Educação: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira*. Goiânia: UFG, 2005.
- GIRARD, Denis. The eclectic way. In: *English Teaching Forum*. Jul, 1986.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and Principles in Language Teaching*. New York: Oxford University Press, 2003.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I. VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 211-236.
- LIMA, S. V. de. *A importância da motivação no processo de aprendizagem*, Disponível em <<http://www.artigonal.com/educação-artigos>> Acesso em 15 set. 2009.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino / aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- PAIVA, V.L.M.O. *Memórias de aprendizagem de professores de língua Inglesa*. Contexturas, São Paulo, v. 9, p. 63-78, 2006.
- PAIVA, V.L.M.O. *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- SIQUEIRA, Luciana Gurgel Guida; WECHSLER, Solange M. *Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida*. Aval. psicol. [online]. jun. 2006, vol.5, no.1 [citado 07 Setembro 2009], p.21-31. Disponível em <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>>
- UR, Penny A. *A Course in Language Teaching - practice and theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

## **ANEXOS**

## QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

- 1) Você gosta de estudar inglês? Por quê?
- 2) Do que você mais gosta nas aulas de inglês?
- 3) Do que você menos gosta nas aulas de inglês?
- 4) E a sua turma? Você acredita que seus colegas gostam das aulas de inglês?  
Por quê?
- 5) Vocês participam bem das aulas? Prestam atenção no que a professora ensina?
- 6) Vocês usam livro didático na sala de aula? Você gosta do livro? Por quê?
- 7) Que outros materiais vocês usam em sala?
- 8) Fale das tarefas que vocês fazem em sala de aula.
- 9) Quais as tarefas que você gosta de fazer?
- 10) Quais as tarefas que você não gosta de fazer?
- 11) Fale da melhor aula de inglês que você já teve.
- 12) Como é o relacionamento de vocês com a professora?
- 13) A professora gosta de ensinar inglês?
- 14) Você acredita que é importante estudar inglês? Por quê?

## QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA

- 1) Você gosta de lecionar inglês?
- 2) Você tem autonomia para planejar e desenvolver suas aulas?
- 3) Você se sente motivada no seu trabalho? Por quê?
- 4) Seus alunos gostam de estudar inglês? Por quê?
- 5) Relacione as atividades que seus alunos mais gostam de fazer em sala de aula.
- 6) Comente pelo menos cinco atividades que você gosta (ou gostaria) de usar com seus alunos explicando o porquê.
- 7) Você utiliza livro didático? Como?
- 8) Quais os recursos que a escola dispõe para serem utilizados pelos professores em sala de aula?
- 9) Você utiliza esses recursos em suas aulas?
- 10) Que outros recursos você utiliza em suas aulas?
- 11) Que conteúdos você prioriza em suas aulas?
- 12) Como é o seu relacionamento com os alunos?
- 13) Como você descreve as relações entre corpo docente, coordenação pedagógica, direção e funcionários na escola?
- 14) Você acredita que a quantidade de alunos em sala contribui para o êxito do trabalho do professor?
- 15) Seus alunos têm consciência da importância de aprender uma língua estrangeira atualmente?
- 16) Você trabalha de forma interdisciplinar?
- 17) Você desenvolve algum projeto de Língua Inglesa na escola?
- 18) Qual é a sua concepção do ofício de educador?